



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS - IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

**FALARES REGIONAIS:  
PANORAMA DA REDUÇÃO DE DITONGOS  
DECRESCENTES NO BRASIL**

Thaís Marciela Rocha Leão

BRASÍLIA

2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS - IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

**FALARES REGIONAIS:  
PANORAMA DA REDUÇÃO DE DITONGOS  
DECRESCENTES NO BRASIL**

Thaís Marciela Rocha Leão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística,  
Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial  
para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADORA: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília

2013

## DEDICATÓRIA

Dedico este projeto ao meu querido marido Douglas e a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu amado e misericordioso Deus, que me deu a vida.

Aos meus pais, irmão e marido Douglas, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Ulisdete, pela paciência na orientação e incentivo.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste artigo.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

A todos, muito obrigada!

“Por tudo o que tens feito  
Por tudo o que vais fazer  
Por tuas promessas e tudo o que és  
Eu quero te agradecer  
Com todo o meu ser”

Diante do Trono

# FALARES REGIONAIS: PANORAMA DA REDUÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES NO BRASIL

Thaís Marciela Rocha Leão<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo apresentarei um estudo sobre a redução de ditongos decrescentes [ai], [ei] e [ou] e sua ocorrência nas cinco regiões do Brasil. Meu objetivo é atestar, por meio de um mapa panorâmico, o quanto esse fenômeno é recorrente na fala e comum no Português do Brasileiro (PB). Fruto de uma pesquisa bibliográfica e de campo, ressalto que este é um trabalho puramente demonstrativo, no qual pretendo, apenas, reforçar o processo da monotongação como parte do vernáculo brasileiro. Para tanto, utilizo o modelo teórico-metodológico variacionista, iniciado por William Labov nos anos 60, que define um método próprio de pesquisas sobre fenômenos de variação e mudança linguística em vários níveis de análise; além do trabalho de Fernando Tarallo (1994), *A pesquisa sociolinguística*, e os estudos sociolinguísticos de Maria Cezario e Sebastião Votre (2009).

**PALAVRAS-CHAVE:** redução de ditongos, sociolinguística variacionista, Português Brasileiro.

## I. INTRODUÇÃO

Como toda língua falada, a língua portuguesa no Brasil é recheada de variações. Há uma diversidade sem fim de variedades linguísticas por toda extensão do País, seja no Sul com o *Tchê*, seja no Nordeste com o *Oxente*, todos nós temos uma maneira singular de falar. As peculiaridades fonéticas evidenciam, muitas vezes, que não há somente uma língua no Brasil, mas várias, considerando os dialetos específicos das cinco regiões brasileiras. O que não quer dizer que haja um dialeto melhor ou pior que o outro como muitos falantes e autores têm classificado por aí, mas, sim, maneiras distintas de se falar a mesma coisa. Assim, não é feia nem errada a maneira como o gaúcho, o mineiro, o baiano e tantos outros se expressam. É

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Letras – Português pela Universidade de Brasília.

preciso abandonar julgamentos e preconceitos para valorizarmos a nossa prática linguística.

Ao observar o quanto a redução de ditongos decrescentes é comum na fala dos brasileiros, pretendo demonstrar e reforçar o que Marcos Bagno (2007) afirma e tantos outros testificam: essa redução desses ditongos está tão disseminada que já se configura como parte do vernáculo mais geral brasileiro. Pensando nisso, este trabalho pretende apresentar um quadro panorâmico desse fenômeno em cinco regiões brasileiras, selecionadas por questões de destaque linguístico no Brasil, e apresentadas a seguir. O fenômeno em si consiste da monotongação ou não dos ditongos decrescentes [ai], [ei] e [ou] nas falas de apresentadores, repórteres e entrevistados de telejornais regionais de cinco estados representantes: Amazonas (Norte), Bahia (Nordeste), São Paulo (Sudeste), Rio Grande do Sul (Sul) e Distrito Federal (Centro Oeste).

## II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Assim como toda língua, o Português Brasileiro é suscetível a mudanças. Podendo ser motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos, tais mudanças são percebidas na fala espontânea durante muito tempo e, parte delas, tem sido justificada por processos diacrônicos, sendo respaldada em modelos teóricos mais recentes. Uma dessas mudanças se refere à realização dos ditongos decrescentes.

Considerando a Gramática Histórica de Ismael Coutinho (2011, p. 108 - 109), os ditongos podem ser latinos ou românicos, mas é no latim clássico que se verifica a sucessão de realizações com ditongos crescentes e a limitada quantidade de ditongos decrescentes, [ae]; [oe]; [au] e [eu], presentes em exemplos como “caecu”, “poena”, “tauru” e “Eugênio”. Nesse sentido, a tendência para se reduzirem a simples vogais parece ser decorrente do próprio latim vulgar. Coutinho justifica ainda que parte dessa redução é devido à tonicidade de palavras como em praesto > presto, faeces > fezes, saepe > sebe e, no caso de [oe], a gemação antepõe-se à redução do ditongo como em poena > \*peena > pena.

Na gramática tradicional, os ditongos são estudados no campo da fonologia e são definidos pelo encontro vocálico de duas vogais na mesma sílaba. Quando esse

encontro é de uma vogal e de uma semivogal, o ditongo é classificado por decrescente, mas se for o contrário, semivogal e vogal, a classificação será crescente.

Celso Cunha (2008, p. 61) faz uma breve análise em sua *Nova gramática do português contemporâneo*, observando que nem em Portugal nem no Brasil se conserva a pronúncia do antigo ditongo [ow]. Atualmente, a pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo a distinção de formas como *poupa / popa, boubá / boba*. Esta afirmação foi o único ponto que tratou da redução de ditongos decrescentes nesta obra, talvez porque se trate de palavras que não se enquadrem mais à variação, pois, de fato, a variante que manteve as duas vogais [ou] não existe mais, havendo apenas a redução dela [o].

A não relevância deste fenômeno é fato nos livros didáticos e nas gramáticas que insistem em dizer que, em palavras como *roupa, pouco, touro, louro, ouro*, etc. existem ditongos, mas não admitem que nas falas dos brasileiros e mesmo dos portugueses só se pronuncia [o]: *ropa, poco, toro, loro, oro*. De fato, existe a variação, mas os autores recusam-se a admiti-la em suas gramáticas. Segundo Gerusa Pereira (2004), a Gramática Tradicional, no que envolve descrições fonético-fonológicas, é bastante primária, por que, ainda, não se desvencilhou do erro clássico de considerar a escrita como representação da fala, além de não considerar a variação como parte do sistema linguístico. Nestes termos, Marcos Bagno (2007, p. 60), também, comenta que:

É assim que procedem, por exemplo, Pasquale Cipro Neto Ulisses Infante em sua Gramática da Língua Portuguesa, publicada no final de 1997. Por isso a gente não deve se surpreender quando esses autores explicam que a letra x representa o fonema /š/ depois de um ditongo, e dão como exemplo de palavras “com ditongo”: ameixa, caixa, peixe, eixo, frouxo, trouxa, baixo, sem fazer a menor menção ao fenômeno de monotongação que já atingiu essas palavras na língua falada no Brasil, inclusive em sua norma culta urbana, resultando nas pronúncias ‘amexa’, ‘caxa’, ‘pexe’, ‘exo’, ‘frôxo’ e ‘baxo’.

Ainda, segundo Bagno (2007, p. 147), embora a convenção ortográfica direcione a pronúncias forçadas e artificiais que não correspondem à realidade falada dos brasileiros, o fenômeno da monotongação tem interferido no processo de alfabetização, uma vez que a tendência do principiante é escrever a vogal simples e não o ditongo.



A monotongação, de acordo com Câmara Junior (1978, p. 170), é uma alteração apenas fonética, ou seja, ela só ocorre na oralidade. No entanto, há estudos que apontam o aparecimento da redução de ditongos decrescentes, também, na escrita, principalmente nas grafias dos que estão sendo alfabetizados. O fenômeno que existe desde a passagem do latim clássico ao vulgar é resultado do desaparecimento da semivogal e permanência da vogal de um ditongo. Assim, palavras como *caixa*, *peixe* e *touro* se monotongam na oralidade e passam a ser pronunciadas como “caxa”, “pexe” e “toro”.

Por ser um traço comum no Português Brasileiro, o processo de monotongação é atestado em inúmeros trabalhos sociolinguísticos espalhados por todo o Brasil. Gerusa Pereira (2004), por exemplo, analisando o fenômeno em Tubarão (SC), procurou descrever o apagamento das semivogais dos ditongos orais nas falas dos tubaronenses. Da mesma forma, Dermeval da Hora e Sílvia Renata (2006) falam da redução de ditongos orais decrescentes, tomando por base o dialeto paraibano. Eles analisaram o fenômeno no comportamento de discentes do ensino fundamental, nas diferentes séries, por meio do treino ortográfico. Carla Cristofolini (2011) também segue a orientação laboviana ao analisar o fenômeno da monotongação do ditongo decrescente oral [ow], na comunidade de Ratoles, município de Florianópolis. Enfim, em todos esses trabalhos, os autores são unânimes ao afirmar que tal fenômeno se configura como parte do vernáculo brasileiro. Assim, devido à massificação dessa variável, como Hora (2007) mesmo afirmou, não há uma avaliação negativa quanto à pronúncia dos ditongos decrescentes orais, pois, uma vez que não há alteração no sentido da palavra, não representa um “erro”.

### **III. METODOLOGIA**

A Teoria da Variação ou da Sociolinguística Quantitativa surgiu na década de 1960, baseada na proposta de Weinreich, Labov e Herzog. O objetivo era descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando sempre em consideração o seu uso variável e, conseqüentemente, seu aspecto heterogêneo. Desse modo, a variação linguística pressupõe a existência da diversidade nos modos de falar. Assim, ela pode ser sincrônica, pois para haver a variação, ambas as formas têm que

coexistirem, e pode, também, ser diacrônica quando analisada ao longo do tempo. A variação é inerente à língua e não é aleatória, mas ordenada por fatores linguísticos e extralinguísticos. De acordo com Maria Mauro Cezário e Sebastião Votre (2008), a abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade mesmo por trás do aparente caos da comunicação do dia-a-dia. Logo, essa teoria possui uma metodologia própria, capaz de fornecer ao pesquisador ferramentas para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar.

Compreendido o que é variação, entendamos, também, o que são variante e variável, tomando como ilustração o tema da presente pesquisa: redução de ditongos decrescentes. A palavra *padeiro*, por exemplo, pode ser dita de duas formas na língua falada: *padeiro* ou *padero*. A essas duas possibilidades de dizer a mesma palavra chamamos de variantes. Assim, variante é o termo usado para identificar cada possibilidade (com o mesmo valor de verdade) de uso na comunicação. Já a variável é o conjunto dessas variantes, ou seja, o fenômeno em si. Para tanto, a variável vai sempre depender de outros fatores, estes podem ser linguísticos ou extralinguísticos que, de alguma forma, irá motivar a ocorrência da variação. De modo geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de três pontos básicos: os de natureza *diatópica* (local, região), os de natureza *diastrática* (classe social, idade, contexto social) e os de natureza *estilística* (maior e menor grau de formalidade de um enunciado), todos vão condicionar o uso variável de fenômenos linguísticos, além dos fatores internos ao sistema da língua.

Embasada nesta teoria, escolhi cinco Estados, representando as cinco regiões brasileiras, para que pudesse ser traçado um quadro panorâmico do fenômeno. O levantamento dos dados foi feito por meio das falas de âncoras (apresentadores), repórteres e entrevistados dos telejornais regionais do Amazonas (Norte), Bahia (Nordeste), São Paulo (Sudeste), Rio Grande do Sul (Sul) e Distrito Federal (Centro Oeste).

O *corpus* deste trabalho foi possível graças aos telejornais regionais (AM TV, BA TV, SP TV, TV RS, e DF TV), disponíveis no site do G1 da rede Globo. Ao todo, foram observadas 45 pessoas, sendo 09 representantes do Amazonas, 09 representantes da Bahia, 09 de São Paulo, 09 do Rio Grande do Sul e 09 do Distrito Federal. Para a seleção das palavras que fizeram parte do *corpus*, foram analisadas

as seguintes variáveis linguísticas: o contexto fonológico e a estrutura interna da palavra, que serão explicitados no item de análise.

Cabe destacar ainda que este *corpus* contempla dois tipos de ditongos: os variáveis e os invariáveis, ou seja, os que se monotongam e os que não se monotongam. Podendo também ser chamados, como propõem Gonçalves & Costa (1995), de legítimos variáveis e invariáveis. Desse modo, foram levantadas 84 palavras, distribuídas da seguinte forma:

**Quadro 1 - Ditongos decrescentes /ai/**

<b>ai</b>	<b>NOME</b>	<i>Variáveis</i>	Baixo, abaixo, em baixo, faixa.
		<i>Invariáveis</i>	Bairro
	<b>VERBO</b>	<i>Variáveis</i>	Baixar, abaixar, baixa.
		<i>Invariáveis</i>	-

**Quadro 2 - Ditongos decrescentes /ei/**

<b>ei</b>	<b>NOME</b>	<i>Variáveis</i>	Viveiro, campeiro, primeiro, bobeira inteiro, inteiramente, peixe, marinheiro, beira, sexta-feira, dinheiro, brasileiro, estrangeiro, bandeira, parceiro, carreira, terceiro, porteiro, feijão, rotineiro, mangueira, prisioneiros, madeixas, cabeleira, primeiras, Rio de Janeiro, maneiras, queixas.
		<i>Invariáveis</i>	Jeito, feito, estreito, colheita.
	<b>VERBO</b>	<i>Variáveis</i>	Deixa, queimar, deixar, deixou.
		<i>Invariáveis</i>	-

**Quadro 3 - Ditongos decrescentes /ou/**

<b>oi</b>	<b>NOME</b>	<i>Variáveis</i>	Outro, outubro, pouco, pouquinho, criadouro, lavoura, doutor, roupa, couro, tesouro, trouxinhas, ouvida.
		<i>Invariáveis</i>	-
	<b>VERBO</b>	<i>Variáveis</i>	Matou, ouvir, houve, acabou, encantou, gostou, ficou, queimou, deixou, vou, manifestou, visitou, notou,

		chegou, levou, mudou, preparou, montou, organizou, alagou, desabou, começou, ocupou, soprou, achou, passou, melhorou, resolve.
	<i>Invariáveis</i>	-

#### IV. ANÁLISE

Conforme já foi mencionado no início deste trabalho, minha intenção é traçar um quadro panorâmico da redução de ditongos no Brasil, demonstrando o processo de monotongação, por meio das falas dos telejornais das cinco regiões brasileira. De acordo com a teoria da variação, sabemos que a escolha entre as variantes não se dá aleatoriamente, mas, sim, relacionada a variáveis linguísticas e extralinguísticas. Nesses moldes, foram analisadas três variáveis, uma de caráter extralinguístico, mais especificamente a origem geográfica, e duas de caráter linguístico, isto é, o contexto fonológico e a estrutura interna da palavra.

##### 4.1. DADOS EXTRALINGUÍSTICOS

No que diz respeito à variável geográfica, ressalto que este será o único fator condicionador social ou extralinguístico observado neste estudo. Como se sabe, está mais do que comprovado que a língua varia de um lugar para outro. Desse modo, para cumprir com o objetivo deste trabalho, faço uso exclusivo deste fator. Consequentemente, variáveis como sexo, contexto social, entre outros, não serão discutidas neste artigo.

A seguir, apresento os resultados obtidos nos cinco Estados representados: Amazonas (a), Bahia (b), São Paulo (c), Rio Grande do Sul (d) e Distrito Federal (e).

##### a) Amazonas (Norte)

O *corpus* do Amazonas foi selecionado a partir da transcrição de três matérias do AM TV<sup>2</sup> disponível no *site* G1. Nas três reportagens, houve um total de nove informantes; dentre eles, apresentadores (âncoras), repórteres e entrevistados.

Quanto ao número de ocorrência, houve 23 casos de ditongos decrescentes, ressaltando que muitos se repetiram ao longo da reportagem. Nesse caso em particular, palavras como *couro* apareceram duas ou mais vezes, como mostra o exemplo:

“Se você tem uma ‘cabelera’ enorme, que tal ganhar ‘dinhero’ vendendo cabelo? (...). A peruca ajuda a melhorar a autoestima de pessoas que tem problemas no couro cabeludo e que enfrentam tratamento de combate ao câncer ou que forma vítimas de acidentes.”

“(…) O homem que tem calvície, as mulheres que têm a doença do ‘coro’ cabeludo (...)”.

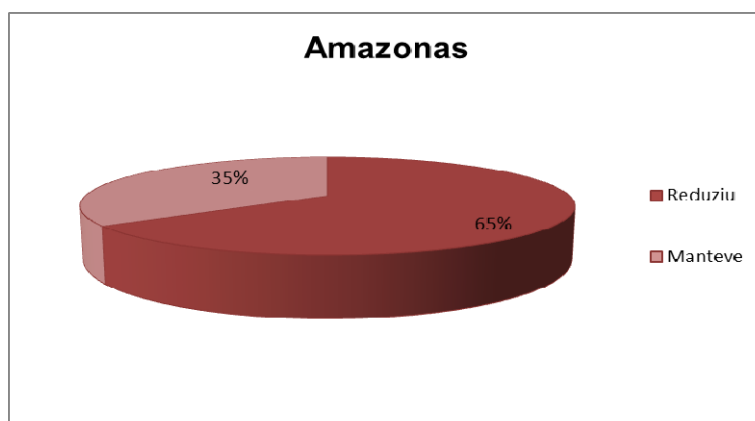
No que tange ao apagamento ou não da semivogal, houve 15 reduções e 8 manutenções, como veremos no quadro a seguir:

Quadro 4 - Região Norte

Total	Apagamento		Manutenção	
Ocorrência	Ocorrência	%	Ocorrência	%
23	15	65,2	8	34,7

Os dados mostram um maior número para a ocorrência de redução de ditongos, ou seja, a monotongação. O gráfico abaixo representa bem este processo. Vejamos:

Gráfico 1



<sup>2</sup> Em <http://g1.globo.com/am/amazonas/amazonas-tv/videos>

b) Bahia (Nordeste)

Os dados dessa seleção foram retirados do telejornal da Bahia (BATV<sup>3</sup>), por meio de 9 informantes. Desse modo, o *corpus* deste Estado é composto por 15 ocorrências, sendo 13 reduções e somente duas manutenções. Vale destacar que um desses ditongos que manteve a semivogal é um ditongo invariável, ou seja, não reduz. Ainda em relação aos ditongos que compõem esse quadro, destaco um trecho de uma reportagem em que os ditongos aparecem todos reduzidos durante a fala. Vejamos esse caso antes de apresentar o quadro 5:

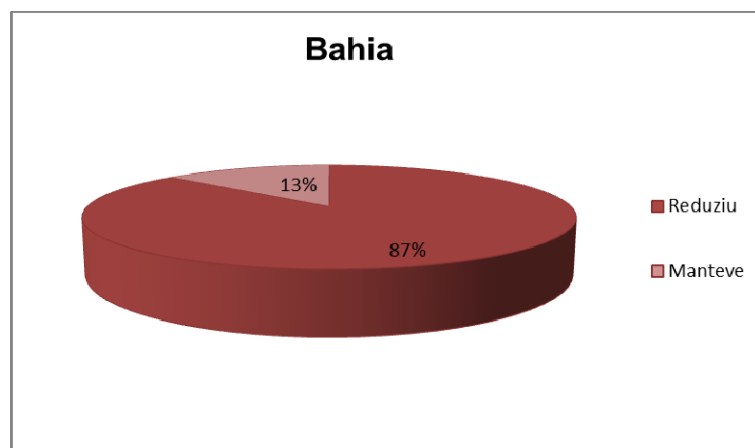
*“Uma cidadeilhada! Na entrada de Santo Amaro, a fila de carros barrados pela ‘chea’ do rio Subaé.. Os ‘pocos’ motoristas que se arriscaram a atravessar ficaram no meio do caminho. Nossa equipe teve que improvisar para entrar na cidade [...] O principal acesso a vilas do Atlântico em Lauro de Freitas ‘ficô’ interditado com a água. A chuva também ‘alagô’ metade da pista da estrada do Coco [...].”*

Quadro 5 - Região Nordeste

Total	Apagamento		Manutenção	
Ocorrência	Ocorrência	%	Ocorrência	%
15	13	86,6	2	13,3

Os resultados evidenciam mais uma vez a massificação dessa variável na fala dos baianos. Segue o gráfico representativo do que se apresentou:

Gráfico 2



c) São Paulo (Sudeste)

<sup>3</sup> Em <http://g1.globo.com/videos/bahia/batv>

Embora tivesse o mesmo tanto de informantes dos outros Estados, São Paulo foi o lugar onde se teve o maior número de dados. Os ditongos decrescentes [ai], [ei], e [ou] em palavras como *baixo*, *bobeira* e *encantou* apareceram 66 vezes durante as reportagens dos telejornais (SP TV<sup>4</sup>). Desse valor, foram mantidos 33 vezes, e 33 vezes também foram reduzidos. Logo, São Paulo foi o único Estado, dentre os cinco investigados, em que o apagamento e a manutenção se mantiveram em equilíbrio durante as falas, como mostra o quadro da região sudeste. Antes, porém, de analisá-lo, vejamos como esse equilíbrio aparece nas falas de dois paulistanos:

“(…) É ‘primero’ eu preparo bem os ‘portero’ para atender as emergências. E se você não ‘resove’ os problemas de hoje, amanhã vai surgir ‘otru’, ou talvez hoje a tarde surja ‘otru.’”

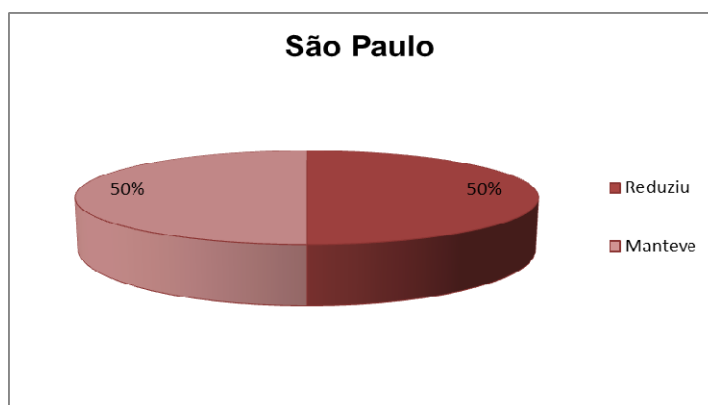
“(…) O síndico convenceu os moradores a investirem em cerca elétrica, organizou as contas e passou a ouvir mais os moradores para saber das queixas de cada um.”

Quadro 6 – Região Sudeste

Total	Apagamento		Manutenção	
Ocorrência	Ocorrência	%	Ocorrência	%
66	33	50	33	50

O reconhecimento desse equilíbrio, como podemos observar no gráfico 3, é importante para percebermos que, ainda, faz-se uso desses ditongos, talvez devido à imposição da norma padrão em relação à escrita. O que se tem de certo, no entanto, é que seu uso ainda é perceptível na oralidade. O que não muda o fato de que o processo de monotongação é uma marca evidente no vernáculo brasileiro.

Gráfico 3



<sup>4</sup> Em <http://g1.globo.com/videos/sao-paulo/sptv-1edicao>

d) Rio Grande do Sul (Sul)

A seleção do *corpus* do Rio Grande do Sul foi feita, também, por meio do seu telejornal local, Bom Dia RS<sup>5</sup>, disponível no *site* G1. Como aparece no quadro 7, houve um total de 37 ocorrências de ditongos decrescentes [ai], [ei] e [ou], sendo que 23 ocorreram com a redução e 14 com a manutenção.

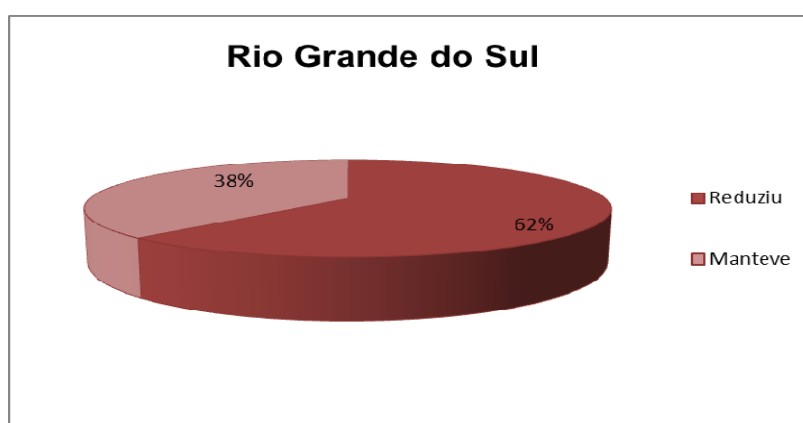
Quadro 7 - Região Sul

Total	Apagamento		Manutenção	
Ocorrência	Ocorrência	%	Ocorrência	%
37	23	62,1	14	37,8

Em alguns trechos da reportagem, o informante ora apaga ora mantém a semivogal do ditongo *ei* na palavra *marinheiro*. Nesse contexto é importante perceber que, embora não seja o foco do trabalho, independentemente da formalidade do telejornal, ainda assim, há o apagamento de certos ditongos. O que torna claro a sobreposição da monotongação em vez da manutenção, como está explícito no gráfico 4. Antes, porém, observemos o seguinte recorte:

“Na Ilha dos ‘Marinheiros’ algumas culturas estão com a colheita atrasada por causa do frio. (...) O plantio da beterraba e da ervilha é que dão fôlego ao orçamento de muitas famílias da Ilha dos Marinheiros que seguem com esperança de colheitas melhores.”

Gráfico 4



e) Distrito Federal (Centro Oeste)

<sup>5</sup> Em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/bom-dia-rio-grande/videos>



A seleção do Distrito Federal foi feita por meio do DFTV<sup>6</sup> da rede Globo, disponível *online*. O último Estado representando o Centro Oeste teve um total de 28 ocorrências, das quais 19 ocorreram com a redução e 9 ocorreram com a manutenção, como mostra o quadro 8:

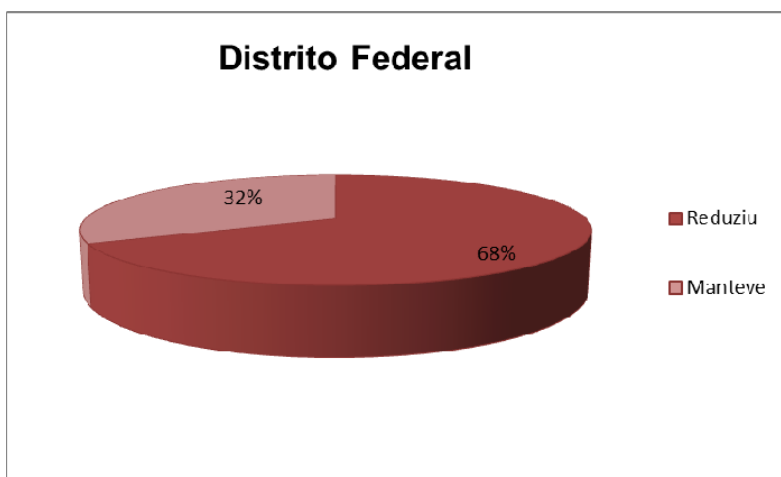
Quadro 8 - Região Centro Oeste

Total	Apagamento		Manutenção	
Ocorrência	Ocorrência	%	Ocorrência	%
28	19	67,8	9	32,1

Mais uma vez, o processo de monotongação predominou sobre os ditongos, havendo uma porcentagem muito maior em relação à manutenção dos mesmos. No exemplo a seguir, é notório que grande parte das reduções do ditongo ocorre em verbos na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo. Logo após o exemplo, segue o gráfico representando o Distrito Federal:

“(...) Candidata, a senhora foi sempre dona de casa, nunca ‘ocupô’ um cargo público, nunca sequer ‘disputô’ uma eleição (...). Candidata, ontem a filha da senhora lá no Gama ‘soprô’ no ouvido da senhora o que a senhora deveria responder (...). Na porta da sua casa lá no Park Way, no ‘primero’ dia das eleições, no dia da.. do ‘primero’ turno. Lá foi o seu Joaquim Roriz que ‘soprô’ no ouvido da senhora.”

Gráfico 5



<sup>6</sup> Em <http://g1.globo.com/videos/distrito-federal/dftv-1edicao>

## 4.2. DADOS LINGUÍSTICOS

Como já foi apontada anteriormente, a presença ou não da semivogal do ditongo não ocorre livremente, ou seja, existem fatores internos e externos que influenciam o aparecimento de uma ou outra forma. Nesta seção, tratarei da influência interna da variação, o que significa dizer que a ocorrência de uma ou outra variante é condicionada também por um fator estrutural interno à língua. Neste caso, especificamente, focarei nas variáveis linguísticas contexto fonológico e na estrutura interna da palavra.

### 4.2.1. Contexto Fonológico

Muitos estudiosos acreditam que um fator de grande influência à redução de ditongos decrescentes está relacionado ao contexto fonológico, principalmente, no que se refere às formas [ei] e [ai]. Segundo Paiva (1986, p. 175 - 176), para a supressão do segmento [u] em [ou] não há restrições estruturais, uma vez que este ditongo está “perdendo sua realidade linguística em favor da vogal simples (...), esta mudança está quase completa em todos os dialetos do português, tanto brasileiros, quanto europeus”.

Para entender melhor essa diferença entre os tipos de ditongos, é só pensarmos nas formas invariáveis e variáveis que os ditongos possuem. Se pegarmos todas as palavras com ditongo decrescente [ai] e [ei], percebemos que, para esses grupos, há tanto a forma variável quanto a forma invariável, isto quer dizer que existe um contexto específico para que haja a redução ou não de ditongos em palavras como *peixe* e *jeito*, por exemplo. No entanto, para a forma [ou] não existe a classe invariável, uma vez que o que se escreve OU se pronuncia O em todas as situações e contextos.

Pensando nessa diferença entre os ditongos [ai] e [ei], de um lado, e [ou] de outro, iniciarei analisando o contexto fônico posterior das formas [ai], [ei] e [ou] separadamente.

#### *a. Distribuição de [ai] no contexto fônico*

No que se refere a esse ditongo, pode-se dizer que o escopo da variação é mínimo, já que a semivogal é cancelada somente quando for precedida de /ʃ/. No que se refere à classe invariável, destacamos um único ditongo desse *corpus*:

**Quadro 9 – Distribuição de [ai] nos contextos fônicos seguintes**

<b>Ambiente</b>	<b>Realização</b>	<b>Exemplos</b>
Diante de /ʃ/	Variável  ai → a	Baixo, faixa, abaixo, em baixo, baixar, abaixar e baixa
Diante de /h/	Invariável	bairro

*b. Distribuição de [ei] no contexto fônico*

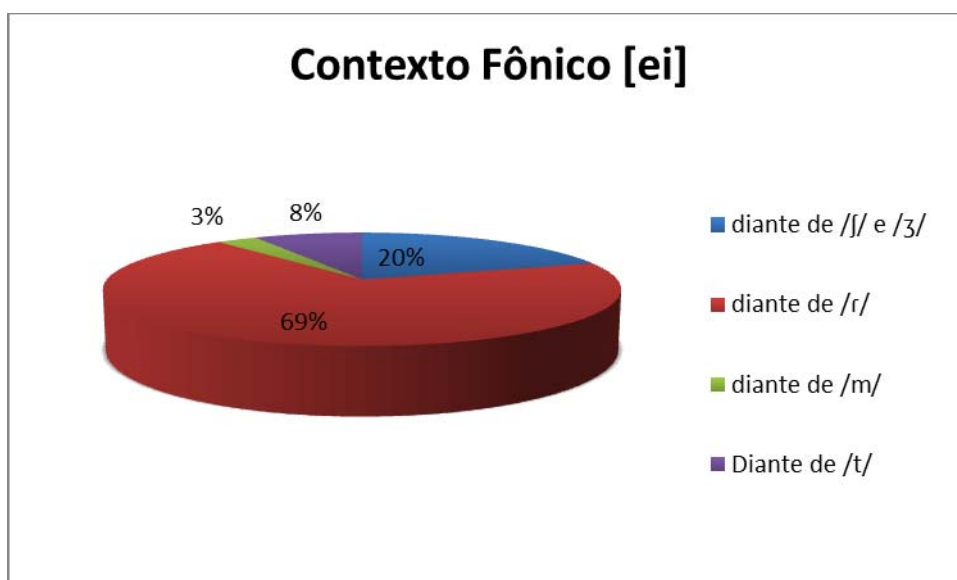
Diferente de [ai], o escopo de [ei] é bem mais abundante. Neste caso, vamos ver que há tanto ambientes favorecedores quanto ambientes bloqueadores:

**Quadro 10 – Distribuição de [ei] nos contextos fônicos seguintes**

<b>Ambiente</b>	<b>Realização</b>	<b>Exemplos</b>
Diante de /t/	Invariável	Jeito, feito, e estreito
Diante de /ʃ/ e /ʒ/	Variável  ei → e	Madeixas, queixas, deixar, peixe, feijão, etc..
Diante de /r/	Variável  ei → e	campeiro, viveiro, primeiro, etc..
Diante de nasal /m/	Variável  ei → e	queimar

No quadro acima, podemos verificar que quando o contexto fônico posterior for uma consoante oclusiva, não será possível a variação. Do mesmo modo ocorre com as fricativas labiodentais em ditongos como *seiva*, o /v/, neste caso, também bloqueia a redução. Em relação aos ambientes que favorecem à monotongação, no *corpus* analisado, foi possível dividir o contexto fônico em três grupos diferentes: o das fricativas palatais, o do tepe e o da nasal. Devo acrescentar que, dentre todos ambientes fônicos, o que mais predominou foi os ditongos diante da consoante /r/, com 68,5% dos casos. Já os diante de /ʃ/ e /ʒ/ tiveram 20 % dos casos, os diante de /t/ com 8% e, com apenas uma ocorrência, o grupo da nasal ficou em último lugar com 3% dos casos:

Gráfico 6



c. *Distribuição de [ou] no contexto fônico*

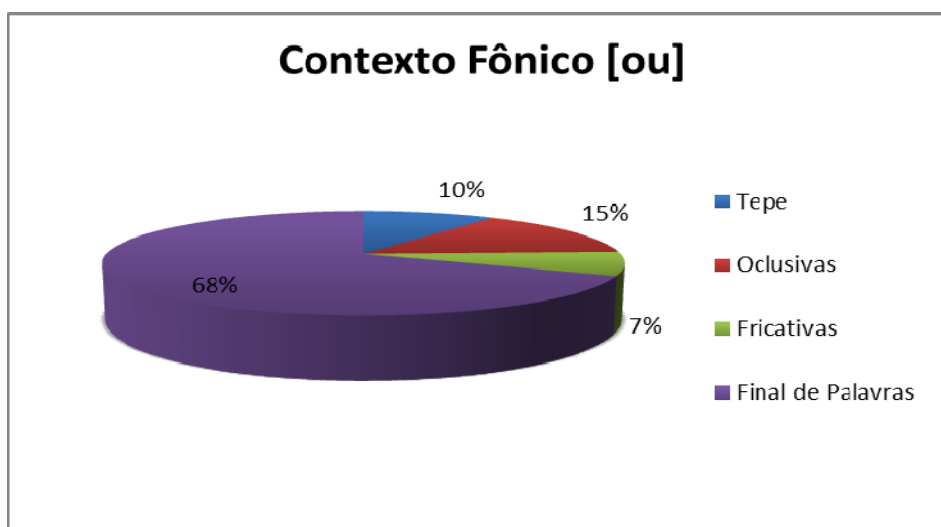
Conforme dito anteriormente, o ditongo [ou] se diferencia dos outros tipos, uma vez que, em todos os casos, eles são passíveis de redução. Em outras palavras, isso quer dizer que, na oralidade, não existe mais o ditongo [ou], mas, sim, a vogal [o]. Desse modo, no *corpus* analisado, há ocorrência deste tipo em seis contextos diferentes:

Quadro 11 – Distribuição de [ei] nos contextos fônicos seguintes

Ambiente		Ocorrências	Exemplos	Total de ocorrências
Tepe /r/		4	Criadouro, lavoura, couro e tesouro	41
Oclusivas	Velar /k/	2	Pouco, pouquinho	
	Labial /p/	1	Roupa	
	Alveolar /t/	3	Outubro, outro e doutor	
Fricativas	Labial /v/	2	Ouvida e ouvir	
	Alveolar /ʃ/	1	Trouxinhas	
Final de palavras		28	Matou, acabou, encantou, gostou, etc..	

De fato, a redução da semivogal [u] se dá, independente, do contexto fonológico. O que se destaca neste caso, em particular, é o tanto de ocorrência com o ditongo no final de palavras. No material analisado, foi o tipo mais comum:

Gráfico 7



#### 4.2.2. Estrutura interna da palavra

A organização da estrutura morfológica da palavra, também, pode ser um condicionador para o uso das formas linguísticas que se encontram em variação. Nesse caso, em específico, a posição dos ditongos [ai], [ei] e [ou] será analisado de acordo com a estrutura mórfica da palavra. Desse modo, serão avaliadas as posições de raiz, sufixo e desinência, para os casos verbais. Vejamos, a seguir, as ocorrências de ditongo nessas três posições:

**Quadro 12 - Ocorrência na estrutura mórfica da palavra**

	RAIZ			SUFIXO			DESINÊNCIA		
	Ocorrências	%	Exemplos	Ocorrências	%	Exemplos	Ocorrências	%	Exemplos
<b>[ai]</b>	8	100	Baixo, baixa, faixa, etc.	0	0	-	0	0	-
<b>[ei]</b>	20	57,1	Peixe, dinheiro, feijão, etc.	15	42,8	Campeiro, marinheiro bombeiro, etc.	0	0	-
<b>[ou]</b>	13	32,5	Roupa, pouco, couro, etc.	2	5	Criadouro, lavoura.	25	62,5	Matou, acabou, encantou, etc.

Nos resultados acima, percebemos que as ocorrências de [ai] acontece em 100% dos casos na raiz da palavra. Já em [ei], aparece, na maioria dos casos, com 57% na raiz, 15% nos sufixos e em nenhum caso nas desinências. O ditongo [ou], por sua vez, aparece em todos os casos, mas principalmente nas desinências. Vejamos esses valores nos gráficos a seguir:

**Gráfico 8**

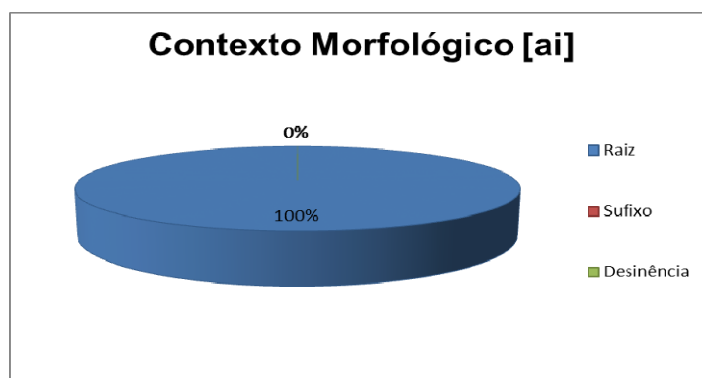


Gráfico 9:

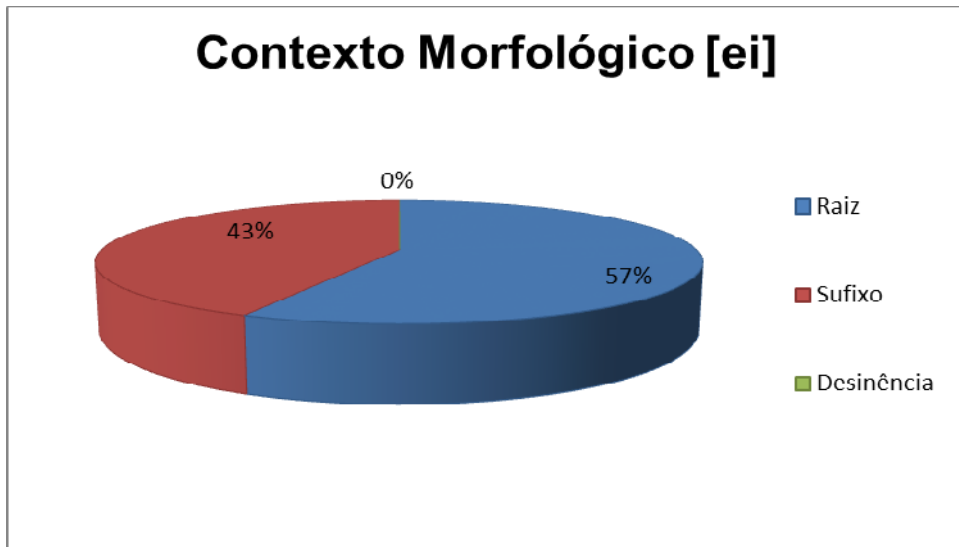
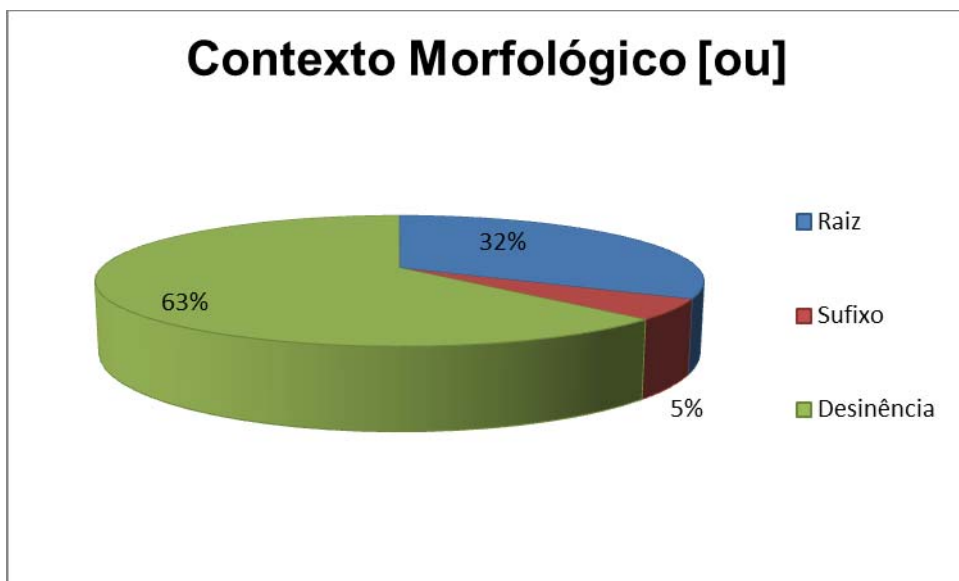


Gráfico 10:



#### 4.2.3. Cruzamento

Para uma demonstração mais geral do fenômeno, vejamos agora o cruzamento entre as variáveis linguísticas - Contexto Fonológico Posterior e Contexto Morfológico - por Estado - variável extralinguística:

a) Amazonas (Norte)

Os quadros 13, 14 e 15 mostram os cruzamentos da variável fonológica e da variável morfológica no grupo de dados do Amazonas. Conforme os resultados, o ditongo [ai], quadro 13, aparece somente uma vez, neste *corpus*, monotongado, na palavra *baixa*, sendo, portanto, aplicado na raiz com a fricativa alveolar. Para os casos [ei], quadro 14, apareceram na raiz e nos sufixo de palavras antes das fricativas e oclusivas alveolares e tepes, predominantemente na raiz antes de tepes, onde houve maior número de redução de ditongos. Seguindo com o quadro 15, os ditongos [ou] apareceram, em sua maior parte, no final das palavras, nas desinências verbais. Outra parte ficou dividida entre as oclusivas e fricativas alveolares e tepes nas raízes das palavras.

**Quadro 13 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ai]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Fricativa alveolar</b>	1/ 100%	0	0

**Quadro 14 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ei]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Oclusiva Alveolar</b>	1/ 7,69%	0	0
<b>Fricativa alveolar</b>	1/ 7,69%	0	0
<b>Tepe</b>	8/ 61,5%	5/ 38,4%	0

**Quadro 15 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ou]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Oclusiva alveolar</b>	2/ 22,2%	0	0
<b>Fricativa alveolar</b>	1/ 11,1%	0	0
<b>Tepe</b>	2/ 22,2%	0	0
<b>Finais de palavras</b>	0	0	4/ 44,4%

b) Bahia (Nordeste)



Na Bahia, o resultado dos cruzamentos mostra que para os casos [ai], quadro 16, ocorreram somente nas raízes das palavras em fricativas alveolares e glotal, sendo este último invariável - *bairro*. Nos casos [ei], quadro 17, tiveram apenas duas ocorrências desse ditongo. Em ambos os casos, antes de tepe e no sufixo das palavras. No quadro 18, para os casos [ou], predomina os ditongos em final de palavras, ou seja, nas desinências verbais. Outra minoria se divide entre as oclusivas: alveolar e velar nas raízes das palavras.

**Quadro 16 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ai]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Fricativa alveolar</b>	1/ 50%	0	0
<b>Fricativa glotal</b>	1/ 50%	0	0

**Quadro 17 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ei]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Tepe</b>	0	2/ 100%	0

**Quadro 18 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ou]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Oclusiva alveolar</b>	3/ 27%	0	0
<b>Oclusiva velar</b>	1/ 9%	0	0
<b>Finais de palavras</b>	0	0	7/ 63%

c) São Paulo (Sudeste)

Em São Paulo, as ocorrências [ai] aconteceram antes das fricativas alveolares na raiz de palavras como *baixo* e *abaixo* como mostra o quadro 19. Nos ditongos [ei], as ocorrências se dividiram entre a raiz e o sufixo das palavras antes de oclusivas alveolares, fricativas (alveolar e labial) e tepes. Como aparece no quadro 20, os ditongos [ei] aparecem, na maior parte dos casos, no sufixo das palavras antes de tepes como, por exemplo, *bobeira*, *campeiro*, *viveiro*, *porteiro*, etc..

No quadro 21, temos, ainda, os ditongos [ou] que aparecem, em grande número, nos finais de verbos, nas desinências. Em outros contextos, como nas oclusivas, fricativas e tepe, ocorrem, em sua maior parte, na raiz e apenas uma vez no sufixo. É o caso, por exemplo, da palavra *criadouro* em que o ditongo [ou] se encontra no sufixo e antes de tepe.

Quadro 19 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ai]

	Raiz	Sufixo	Desinência
<b>Fricativa alveolar</b>	5/ 100%	0	0

Quadro 20 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ei]

	Raiz	Sufixo	Desinência
<b>Oclusiva Alveolar</b>	1/ 3,7%	0	0
<b>Fricativa alveolar</b>	6/ 22,2%	0	0
<b>Fricativa labial</b>	1/ 3,7%	0	0
<b>Tepe</b>	6/ 22,2%	13/ 48,1%	0

Quadro 21 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ou]

	Raiz	Sufixo	Desinência
<b>Oclusiva alveolar</b>	9/ 25,7%	0	0
<b>Oclusiva velar</b>	4/ 11,4%	0	0
<b>Oclusiva labial</b>	1/ 2,8%	0	0
<b>Fricativa labial</b>	4/ 11,4%	0	0
<b>Tepe</b>	1/ 2,8%	1/ 2,8%	0
<b>Finais de palavras</b>	0	0	16/ 45,7%

d) Rio Grande do Sul (Sul)

No Rio grande do Sul, representado pelos quadros 22, 23 e 24, o cruzamento aponta que nos casos [ai], quadro 22, os ditongos vão aparecer somente na raiz das palavras antes das fricativas alveolares. Nas três vezes ocorridas, as palavras: *baixas*, *baixa* e *baixar* foram reduzidas. No quadro seguinte (23), os ditongos [ei] apareceram,

em sua maior parte, nas raízes de palavras como *feira*, *queimou*, *dinheiro*, *peixe*, etc. e sufixos, como em *brasileiro*, *estrangeiro*, *marinheiro* etc., antes de oclusivas, fricativas, tepes e nasais. Por último, os ditongos [ou] que ocorreram, em maior quantidade, nas raízes de palavras como *outubro*, *pouco*, *doutor*, *roupas*, etc., nos sufixos como *lavoura* e desinências verbais como *visitou*, *manifestou* e *vou*. Esses casos ocorreram antes das oclusivas (alveolar, labial e velar) e tepes como mostra o quadro 24.

**Quadro 22 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ai]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Fricativa alveolar</b>	3/ 100%	0	0

**Quadro 23 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ei]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Oclusiva Alveolar</b>	1/ 4,7%	4/ 19%	0
<b>Fricativa alveolar</b>	5/ 23,8%	0	0
<b>Tepe</b>	5/ 23,8%	5/ 23,8%	0
<b>Nasal</b>	1/ 4,7%	0	0

**Quadro 24 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ou]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Oclusiva alveolar</b>	4/ 30,7%	0	0
<b>Oclusiva velar</b>	2/ 15,3%	0	0
<b>Oclusiva labial</b>	1/ 7,6%	0	0
<b>Tepe</b>	0	2/ 15,3%	0
<b>Finais de palavras</b>	0	0	4/ 30,7%

e) Distrito Federal (Centro Oeste)

No *corpus* do Distrito Federal não houve ocorrências de ditongos [ai], mas, somente, [ei] e [ou], representados pelos quadros 25 e 26. Nos casos [ei], apareceram somente na raiz e no sufixo de palavras antes de fricativas e tepes. Nos ditongos [ou],

ocorreram na raiz e desinências antes de oclusivas alveolares e labiais. Como mostra o quadro 26, a ocorrência de ditongos [ou] no final de palavras foi a maior, entre todos os Estados, em relação ao *corpus* de cada um.

**Quadro 25 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ei]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Fricativa alveolar</b>	5/ 45,5%	0	0
<b>Tepe</b>	0	6/ 54,5%	0

**Quadro 26 – Cruzamento entre as variáveis linguísticas nos ditongos [ou]**

	<b>Raiz</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Desinência</b>
<b>Oclusiva alveolar</b>	4/ 25%	0	0
<b>Oclusiva labial</b>	2/ 12,5%	0	0
<b>Finais de palavras</b>	0	0	10/ 62,5%

#### 4.3. AVALIAÇÃO

A distribuição da monotongação, demonstrada ao longo do trabalho, evidencia o quanto este é um traço característico do vernáculo geral brasileiro. Logo, por ser tão comum, este fenômeno não é tratado de forma estigmatizada ou preconceituosa. Ao contrário, na fala espontânea, é muito natural as pessoas não pronunciarem as semivogais /i/ e /u/ em palavras como *caixa*, *dinheiro* e *roupa* e nem se darem conta disso. Esse é um fenômeno quase invisível na produção e recepção da língua falada. O que não ocorre, por exemplo, com os ditongos crescentes em posição final: *notícia* > *notiça*, *negócio* > *negoço*, *paciência* > *paciença*, *sacrifício* > *sacrifiço*, *início* > *iniço*, etc.. Para estes casos, há uma maior carga de discriminação por parte da nossa sociedade, sendo seus falantes identificados com baixo ou nenhum prestígio social.

Embora não haja preconceito para a redução de ditongos decrescentes, é importante ressaltar que mesmo não pronunciando as duas vogais, na escrita ainda existe o ditongo e, portanto, escrever como se fala é considerado errado e repellido de acordo com a norma padrão. Por isso, é bastante tendencioso que, durante o ensino da língua, o aluno seja obrigado a falar do jeito que escreve, para que não caia no

“erro” de escrever errado. Marcos Bagno (2007, p. 48) comenta sobre isso em seu livro *Preconceito Linguístico*:

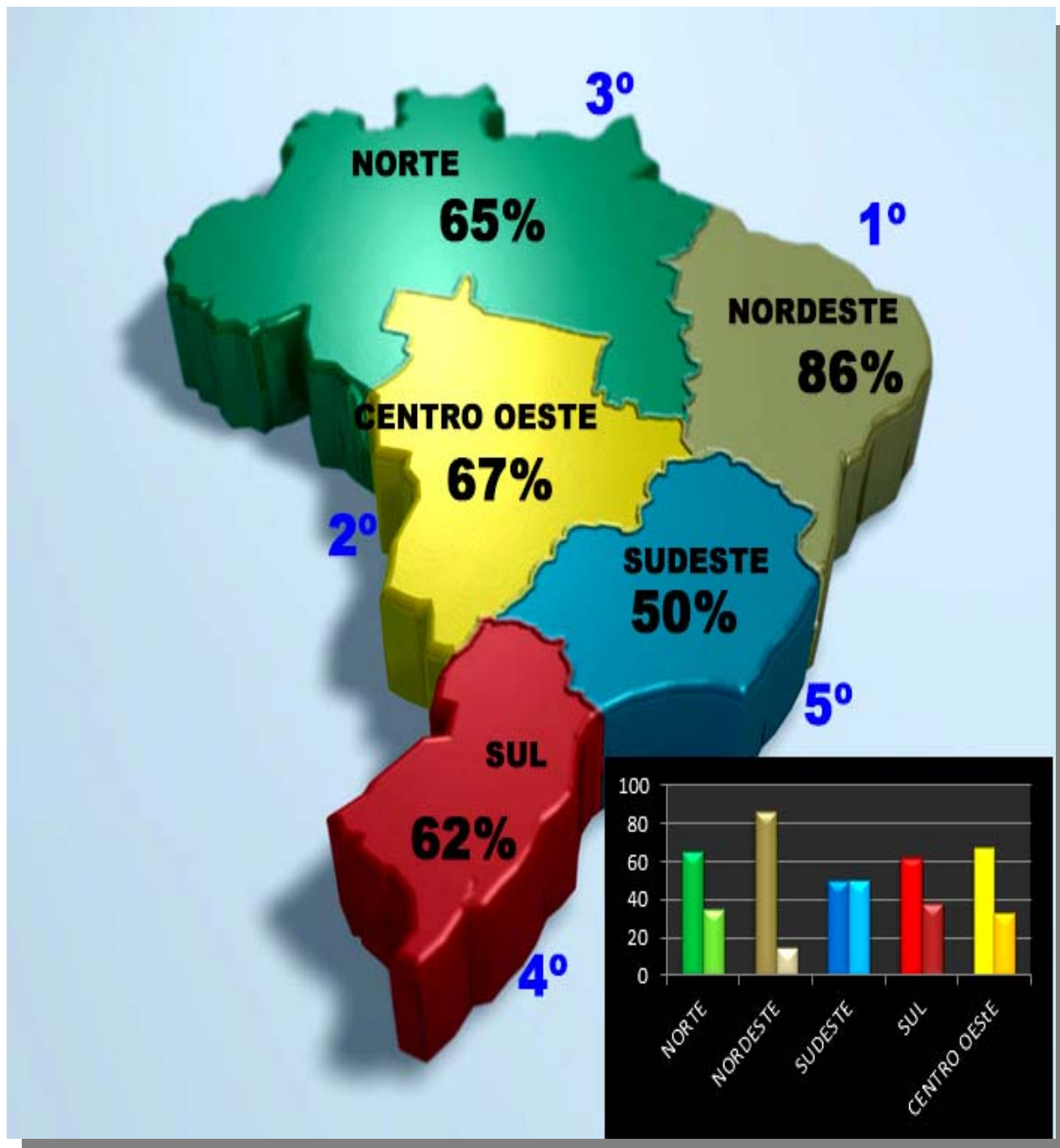
Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala *muleque*, *bêjo*, *minino*, *bisôro*, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo!

Com relação ao fenômeno em estudo, a finalidade aqui, não é, necessariamente, discutir o que é certo ou errado na língua, mas mostrar que desde os menos letrados até os mais conceituados, de norte a sul do Brasil, falam naturalmente “ropa” em vez de *roupa*, “brasileiro” em vez de *brasileiro*.

Ainda de acordo com Bagno (2007, p. 214), a não redução do ditongo só acontece quando a fala é monitorada ou quando a pessoa está lendo um texto em voz alta e se deixa levar pela grafia. Fato que se comprovou durante a coleta em vários telejornais brasileiros. Devido ao caráter formal desse veículo de comunicação, os jornalistas iniciavam a matéria de modo pausado e claro, sempre pronunciando todas as letras das palavras. No entanto, conforme as notícias iam se alongando, as falas ocorriam cada vez mais naturais e informais. Nesse ponto, foi possível um maior número de reduções, comprovando que essa variação é tão geral que, quando pronunciada, não provoca nenhuma reação negativa, o que demonstra, mais uma vez, que este é um traço gradual, característico do português brasileiro.

Desse modo, como objetivo maior desse trabalho, apresento abaixo um mapa panorâmico da redução de ditongos decrescentes [ai], [ei] e [ou] no Brasil, conforme os dados analisados neste estudo. Em cada região exibo as porcentagens de monotongação, resultado das amostras colhidas de vários telejornais regionais, como vimos ao longo deste artigo. Vejamos:

MAPA PANORÂMICO DA REDUÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES NO BRASIL



Os resultados apontam que, neste *corpus*, o Nordeste, representado pela Bahia, foi a região que teve um maior número de reduções e, portanto, ficou em primeiro lugar no *ranking* de monotongação. O Centro Oeste em segundo, o Norte em

terceiro, Sul em quarto e Sudeste em último, se destacando devido ao equilíbrio entre as duas variantes.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ditongos decrescentes orais têm recebido muita atenção devido ao seu caráter variável. Conseqüentemente, muitos estudos têm sido feitos com o intuito de provar ou comprovar a massificação da monotongação nas falas dos brasileiros. Amparado pela teoria variacionista, este foi mais um trabalho que procurou demonstrar, por meio de um mapa panorâmico, a redução de ditongos decrescentes, na língua falada, em todas as regiões do Brasil. Assim, embora, ainda, haja um bom número de falantes que mantêm os ditongos, os resultados mais uma vez demonstraram o quão comum este fenômeno se tornou na oralidade, trazendo consigo uma avaliação positiva, uma vez que tanto os menos favorecidos como os mais prestigiados da sociedade fazem a redução.

## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística*. (In: Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras). 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

AM TV. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/amazonas-tv/videos>. Acesso em 23 de maio de 2013.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália – novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

- BA TV. Disponível em: <http://g1.globo.com/videos/bahia/batv>. Acesso em 08 de maio de 2011.
- Bom Dia Rio Grande. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/bom-dia-rio-grande/videos>. Acesso em 06 de julho de 2011.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- CRISTOFOLINI, Carla. *Estudo da Monotongação de [ow] no falar florianopolitano: Perspectiva acústica e sociolinguística*. Disponível em: <http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-10-n-1/carla-cristofolini1.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2013.
- CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- DF TV. Disponível em: <http://g1.globo.com/videos/distrito-federal/dftv-1edicao>. Acesso em 10 de junho de 2011.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre V. & COSTA, Raquel Roamnkevicius. *Sobre a interpretação fonológica dos ditongos em português*. IN: GONÇALVES, C. A. & RONCARATI, C. (orgs.). Rio de Janeiro: UFF, 1995.
- HORA, Dermeval da; RIBEIRO, Sílvia Renata. *Monotongação de ditongos orais decrescente: Fala versus grafia*. (In GORSKY, E. C. & COELHO, I. Sociolinguística e ensino: contribuições para o professor de língua). Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.
- HORA, Dermeval da. *A monotongação na produção escrita: reflexo da fala*. In: X Simpósio Internacional em Comunicación Social, 2007, Santiago de Cuba. Actas I - X Simpósio Internacional de Comunicación Social. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, 2007.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.



- LOPES, Raquel. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. Belém. 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PAIVA, M. da C. *Atuação de variáveis sociais na supressão da semivogal nos ditongos. Subsídios sociolinguísticos do projeto censo à educação*. Relatório final. 1986.
- PEREIRA, Gerusa. *Monotongação dos Ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no Português Falado em Tubarão (SC): Estudo de Casos*. Tubarão (SC), 2004.
- SILVA, Rita do Carmo. *A sociolinguística e a Língua Materna*. Curitiba: Ibeper, 2009.
- SP TV. Disponível em: <http://g1.globo.com/videos/sao-paulo/sptv-1edicao>. Acesso em 23 de maio de 2013.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- VOTRE, Maria Maura C. S. *Sociolinguística*. (In: Manual de Linguística). 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009.